

“O Diálogo em estilo jocoso entre uma regateira e um moço da estribeira, de Francisco de Moraes”, en Rivista di Filologia e Letterature Ispaniche, XV (2012), pp. 47-65. ISSN: 1591 2922

O DIÁLOGO EM ESTILO JOCOSO ENTRE UMA REGATEIRA E UM MOÇO DA ESTRIBEIRA, DE FRANCISCO DE MORAES¹

Por vez primera se edita, críticamente, el *Diálogo entre uma regateira e um moço da estribeira*, de Francisco de Moraes. Este opúsculo, que forma parte de un grupo de tres diálogos publicados póstumamente en Évora en la imprenta de Manoel Carvalho en 1624, tuvo también una difusión manuscrita que evitó la censura. Son protagonistas dos representantes de las clases sociales menos favorecidas, una buhonera y un moço de estribo, cuyos amores constituyen el centro de la acción.

Palabras claves: Francisco de Moraes, *Diálogo entre uma regateira e um moço da estribeira*, diálogo portugués, edición crítica.

In this work we try to edit the first time a critical way *Dialogue between a saleswoman and a stirrup-boy*, by Francisco de Moraes. This booklet, which forms part of a group of three dialogues which were published posthumously in Manoel Carvalho's press, in 1624, also had a handwritten diffusion that was not censored. Here Moraes gives prominence to two representatives from more disadvantaged social classes, such as a saleswoman and a stirrup-boy, whose loves are the centre of the action.

Keywords: Francisco de Moraes, *Dialogue between a saleswoman and a stirrup-boy*, Portuguese dialogue, critical edition.

Ao longo das próximas páginas vamos ocupar-nos de um breve texto que integra parte da produção literária de um dos grandes escritores da literatura portuguesa, Francisco de Moraes, mais conhecido por ser o autor

¹ Artigo inserido no marco do Projeto de Investigação MICINN/MINECO FFI2009-08070. Aí é possível encontrar vários trabalhos nossos sobre cada um dos diálogos de Moraes, onde se inserem por um lado, fichas bibliográficas e, por outro, fac-símiles dos manuscritos e impressos: “Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro”, em *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid, BDDH18 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>] [30-06-2010]; “Diálogo entre um cavaleiro e um doutor”, em *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid, BDDH3 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>] [30-06-2010]; “Diálogo em estilo jocoso entre uma regateira e um moço da estribeira”, em *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid, BDDH19 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>] [30-06-2010]; “Diálogos de Francisco de Moraes”, em *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid, BDDH36 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>] [30-06-2010].

do melhor livro de cavalarias do século XVI, o *Palmeirim de Inglaterra*. Trata-se do *Diálogo entre uma regateira e um moço da estribeira* que, juntamente com o *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor* e o *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro*, constitui a vertente mais crítica do autor face à sociedade em que viveu, censurando costumes e atitudes hipócritas de quase todas as classes sociais ali representadas.

No caso particular deste opúsculo, mostra-se uma cena cheia de colorido onde, diferentemente dos outros textos, tem lugar uma conversa entre dois representantes do mundo plebeu, uma regateira daquelas que vendiam alimentos nos mercados, e um moço da estrebaria. O diálogo começa *ex abrupto*, no momento em que ambas as personagens anónimas se reencontram após um tempo sem se ver por causa da ausência do moço, que tinha ido “por correo a Frandes”. A regateira queixa-se logo, por este não lhe ter respondido às várias cartas de amor que, com tanto desvelo, lhe fizera “Burgos o Pequino” no Pelourinho velho:

que, crede, leva as lampas a todos. Pela primeira lhe dei cinco réais; depois me fes outra por des, que levava já mil mágoas; quando veio a de vintém, ouvêreis já dó de mim, escrita de huma banda e da outra com tinta mais negra que hum azeviche, que era para mover as pedras.

Uma lamentação que deixa entrever um tom burlesco, até satírico, para um ofício muito popular nos meados do século XVI, posto que uma grande parte da população não sabia nem ler nem escrever e precisava de recorrer a estes escreventes em momentos como o que descreve o texto.

Pela sua parte, o moço, desconcertado, contrariado e temeroso de não ser correspondido, não se convence das suas intenções dela, lembrando “a má vida que me destes no tempo que vos amava”, quando ia contemplá-la às escondidas, “à ribeira ou na praça de Almeirim”, e a via:

vestida de flardinha azul com refegos muito altos, mantilha tirada da amostra do pano, cingidouro de cataçol com maçanetas nos cabos, colarzinho de búfaro tomado por diante com fita de seda encarnada, camisa de gorgueira lavrada de preto, vossas botinas muito justas, com vossos alquorques, que parece que não púnheis pé no chão.

E eis um dos grandes acertos deste opúsculo, a deliciosa representação das vestimentas e o detalhe com que se descrevem lugares e espaços, dando um ar de realismo à cena que se passa através dos nossos olhos, tudo isso misturado com um ligeiro toque erótico que, como não podia ser de outra maneira, foi censurado na edição impressa de 1624, por parte das autoridades religiosas, como, por exemplo, naquele momento em que o moço lhe relata como ia vestida quando a espiava na sua própria casa, através de vários buracinhos que fizera na porta:

Trazieis huma mantilha amarela arredor de vós sem outra cousa, as mamas soltas e dependuradas, tão formosas e grandes que era para aleijar mil homens, púnheis-vos a

lavar as pernas com água de cana e cantáveis *La flor de la mi cara*.

Vendo a descrença do moço da estrebaria, que duvida até da honra dela (“parecia que vos não ouvera com toda vossa honra”), a regateira, colocada numa posição de superioridade, além de defender a sua fama, “que Deos sabe quanto sempre trabalhei”, consegue ganhar aos poucos a sua vontade, dizendo-lhe palavras amorosas e fazendo-lhe uma declaração de amor que choca pela condição social que representa e que tem certos ecos celestínicos: “A vós só amo, a vós só quero, a vós só tenho na vontade, e ainda está por nascer a quem eu desse lenço de Bretanha de setenta réis a vara.”

E se com isto não fosse pouco, a regateira, que confessa finalmente como acabou de resolver casar com o moço, após a leitura de uma linda carta que este lhe enviara, declara-lhe também uma completa relação das coisas que lhe tinha preparado na sua casa à espera de o receber em visita.

No que diz respeito à datação desta pequena obra, não há dados objetivos que ajudem a situá-la num momento determinado. Talvez a referência ao Pelourinho velho possa ajudar de algum modo, mas até ao momento não é possível estabelecer uma cronologia nem sequer aproximada.

Como dissemos, o *Diálogo entre uma regateira e um moço da estribeira* foi publicado pela primeira vez nas prensas eborenses de Manoel Carvalho, em 1624, fazendo parte de um pequeno volume in 8º que continha também mais dois diálogos de Francisco de Moraes, uma *Desculpa de uns amores que tinha em Paris com huma dama francesa da rainha dona Leonor, por nome Torsi*, e, por último, uma *Carta de D. Inácio de Noronha a D. João III a respeito da renúncia do título de conde em D. Francisco de Noronha*².

O impressor inseriu uma dedicatória dirigida ao executor-mor do reino, Gaspar de Faria Severim, que tinha fama de querer sempre recuperar aqueles textos de autores portugueses que o tempo tinha deixado no esquecimento, como é o texto que agora apresentamos. Este, juntamente com os outros que o acompanharam, passaram pelas inevitáveis mãos da censura eclesiástica, que concedeu as licenças pertinentes para a sua impressão, mas não sem antes fazer uma série de emendas que alteraram ostensivamente o texto original do autor. Esta versão emendada serviu de base depois para as edições de 1786³, 1852⁴ e 1946⁵, as quais, além de in-

² Este trabalho é o terceiro de uma série de três que procura editar de uma maneira crítica todos os diálogos de Francisco de Moraes. O diálogo primeiro vai ser publicado no volume 22 da revista eletrônica *eHumanista. Journal of Iberian Studies*, enquanto que o diálogo segundo vai aparecer no próximo número 30 da *Revista de Filología Románica*, da Universidade Complutense de Madrid.

³ Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira [Tomo II: António Gomes], 1786, pp. 21-30.

⁴ *Obras de Francisco de Moraes*, Lisboa, Escritório da Bibliotheca Portugueza, Typographia d'Andrade e Companhia, 1852, vol. III, pp. 7-35.

⁵ Geraldo de Ulhoa Cintra (ed.), *Crónica do Palmeirim de Inglaterra*, São Paulo, Editora Anchieta, Biblioteca de Clássicos para todos, 1946, vol. 3, pp. 367-391.

roduzir variantes de carácter exclusivamente gráfico, não tiveram em consideração a sua tradição manuscrita. E eis a principal novidade deste trabalho, oferecer uma edição crítica do *Diálogo entre uma regateira e um moço da estribeira* a partir do único manuscrito que conservou esta obra⁶: o códice da Coleção Pombalina 147 (L2), da Biblioteca Nacional de Lisboa, um volume miscelâneo que acolhe as mesmas obras que foram publicadas na edição eborense de 1624 (*Evo*), isto é, os três diálogos de Moraes, a *Desculpa de uns amores* e uma *Carta de D. Inácio de Noronha* copiada pelo autor do *Palmeirim*. Como já acontecera nos outros dois diálogos de Francisco de Moraes, esta transmissão conjunta, unida à comparação entre o testemunho manuscrito e o impresso, induz-nos a crer que o códice pombalino, ou ainda melhor, um do mesmo ramo textual, foi usado como referente à hora de elaborar a edição de 1624. Ao menos, assim parece deduzir-se das seguintes divergências voluntárias e involuntárias:

I. Divergências involuntárias

I.1. *Por omissão (de letras e sílabas)*

Em L2 documentam-se alguns erros por omissão de letras ou sílabas, como por exemplo:

a. piscava-vo-lo L2: picavavolo

Evo: 29r	L2: 300v
Se levantaiveis os olhos, <i>piscava-vo-lo</i> esquerdo	Se levantaiveis os olhos, <i>picauauolo</i> esquerdo

I.2. *Erros de leitura ou de interpretação paleográfica*

Também existem erros em *Evo* que podem considerar-se como de uma má leitura ou de interpretação paleográfica.

a. faríei-los *Evo*: fazieilo

L2: 301r	Evo: 30r
<i>faríei-los</i> muito bons	<i>fazieilo</i> muito bõ

⁶ Na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa, conserva-se um outro manuscrito (PDVV BDM II, LXII, fls. 18-22) que não é mais do que um original de imprensa utilizado para a edição em três volumes do *Palmeirim de Inglaterra* de 1786 (Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira [Tomo II: António Gomes]).

b. *malferido* *Evo*: mal fetidio

L2: 301r	Evo: 32r
começava a trova Lá vai este <i>malferido</i>	começava a trova Lá vay este mal <i>fetidio</i>

II. Divergências voluntárias

Entre *L2* e *Evo* existem variantes de carácter lexical, que afetam, sobretudo, a substantivos e formas verbais. Algumas destas variantes podem ver-se a seguir:

II.1. *Variantes léxicas*:A. *Substantivos*a. vida *Evo*: senhora

L2: 302r	Evo: 33r
Ora, minha <i>vida</i>	Ora, minha <i>senhora</i>

b. no passado *Evo*: na pousada

L2: 302r	Evo: 33r
Lá praticaremos <i>no passado</i>	la praticaremos <i>na pousada</i>

B. *Verbos*a. prometeu *L2*: recebeo

Evo: 31r	L2: 301r
este primeiro me <i>prometeu</i> três veses <i>de casar comigo</i>	este primeiro me <i>recebeo</i> três veses

b. mo prometeu *L2*: me recebeo

Evo: 31r	L2: 301r
Digo-vos que <i>mo prometeu</i> quatro veses	Digo-vos que <i>me recebeo</i> quatro veses

c. fis *Evo*: fuy

L2: 301v	Evo: 32v
<i>fis</i> a cama	<i>fuy</i> â cama

d. Estareis *Evo*: estou

L2: 302r	Evo: 33r
<i>Estareis</i> cansado	<i>Estou</i> cansado

II.2. Reescrita de segmentos textuais

A reescrita de alguns segmentos de texto denota, tal como em *Evo*, que existe uma intenção clara de censurar aquelas partes mais comprometidas ou eróticas, como nos exemplos *a*, *b*, *d* e *e*.

a.

L2: 300v	Evo: 29v
por saltarem-vos, depois forsava o desejo por me não averdes por desonesta	por saltar dalegria

b.

L2: 300v	Evo: 30r
<i>em mangas de camisa e os braços arregaçados, pretos e cabeludos – cousa que me não parece mal porque a carne da molher, crede que há-de ser avelutada</i>	& nos braços

c.

L2: 300v	Evo: 30r
quantas nêsparas vêm de Flandres	quantos instrumentos músicos há

d.

L2: 300v	Evo: 30r
<i>huma mantilha amarela arredor de vós sem outra cousa, as mamas soltas e dependuradas, tão fermosas e grandes que era para aleijar mil homens</i>	<i>h_a mantilha amarella, q vos daua muita graça</i>

e.

L2: 301r	Evo: 30r
púnheis-vos a lavar <i>as pernas com água de cana e cantáveis La flor de la mi cara. Se com aquilo laváreis os cabelos</i>	punheisuos a lauar <i>o rosto</i>

f.

L2: 301r	Evo: 30v
que me parecia <i>que vos não ouvera com toda vossa honra</i>	que me parecia <i>outra cousa</i>

g.

Evo: 32v	L2: 301r
acabei de <i>resolver em casar convosco</i>	acabei de <i>entregar</i>

II.3. Omissões

Neste bloco, percebem-se omissões textuais tanto em *L2* quanto em *Evo*. Dá-se o caso particular de *c* e *e*, onde se pode ver como o mesmo fragmento aparece nos dois testemunhos, mas em lugares diferentes. Nós decidimos manter somente o pertencente a *L2*, que foi o que tomámos como texto base para realizar esta edição. No exemplo *f*, vê-se como *Evo* censura até duas intervenções dos interlocutores, provavelmente, pelo erotismo da cena.

a.

Evo: 30v	L2: 301r
sempre fui requerida de quantos compradores ouve na corte <i>para casarem comigo</i>	sempre fui requerida de quantos compradores ouue na corte

b.

L2: 301r	Evo: 30v
depois me engeitou <i>oito, e porque isto foi em dobro</i> ficou o casamento em vão	depois me engeitou, & ficou o casamento em vão

c.

Evo: 30v	L2: 301r
que así trazía eu o meu, e toalha de Olanda para alimpardes o rosto, que como determinava receber-vos por marido, me esmerava em tudo, tendo minha cantareira alva como a neve, e toalhas vermelhas como sangue postas nela: púcaro de Estremoz pedrado por dentro com serpinha no meo, feita do mesmo barro, e porque era antigo, dei-lhe uma cerada, parecia quase novo, e tudo coberto com seus mandiz de Guiné listrados de muitas cores por amor do pó, prateleiro espanado com seus bacios vidrados, e malega de Flandres pendurada por cordel, da outra parte, redoma azul cheia de água de frol para vos borrifar; à cabeceira da cama, papel de Santo Antônio e ramo de palma bento entre ele e a parede por vos não dar olhado	que así trazía eu o meu

d.

Evo: 32r	L2: 301r
que levava outro coração ao pé	q leuaua outro ao pé

e.

L2: 301v	Evo: 32v
espelho da outra parte com toalha de redor para alimpardes o rosto, minha cantareira alva como a neve e toalhas vermelhas como sangue postas nela, púcaro de Estremos pedrado por dentro com serpinha no meo, feita do mesmo barro, e porque era antigo dei-lhe huma ce<n>rada; parecia quasi novo e tudo	espelho da outra parte para vos verdes

*cuberto por cima com seus mandis
de Guiné listrados de muitas cores
por amor do pé, prateleiro espanado
com seus bacios vidrados e malega
de Flandres pendurados por cordel;
da outra parte, redoma azul chea de
água de flor para vos borrifar. À
cabeceira da cama, papel de S. António
e ramo de palma bento entre ele e a
parede por vos não dar olhado*

f.

L2: 301v	Evo: 32v
<i>a nada podésseis pôr tacha. Moço: Pois eu, quando me vi comvosco, tremia como verga, não sabia que fizesse, punha os olhos em vós, tornava-os logo a tirar, não ousava de vos ver, queria travar da roupa, avia medo <de> de anojá-los, tornou-me a arrepender. Boa vontade tinha eu, mas crede que não ousava e que [espeinha] boa dita que, estando nestes medos, lançastes mão de mim. Então me despegi. Regateira: Eu ardia, não pude dissimular tanto e viros estar medroso, ouve dó de vós, não me pareceu bem que penásseis mais</i>	<i>a nada pudesseis por tacha.</i>

g.

L2: 302r	Evo: 33r
<i>Vamo-nos para a pousada passar o tempo em palavras, avendo tanto que vos não vi.</i>	<i>pois há tanto que vos não vi.</i>

Conclusões

Os dados derivados das divergências voluntárias e involuntárias são tão reduzidos que só nos permitem afirmar, como já acontecera nos outros

dois diálogos de Francisco de Moraes, que entre *L2* e *Evo* existe uma ligação muito clara. A maioria das variantes entre elas pode ser interpretada como causadas pela ação da censura eclesiástica, tal e como se indica, por exemplo, nas licenças da edição de 1624 (*Evo*).

Critérios de edição

Os critérios aqui utilizados são muito conservadores. Ainda assim, estabelecemos algumas modificações: em relação às grafias, mantém-se o uso de *v* e *b* segundo as leituras que se documentam no texto. As vogais nasais desenvolvem-se mediante uma consoante nasal (*mão*, *huã* > *huma*, *nenh* > *nenhum*, *põbo* > *pombo*, *quaõ*/ *quão*, *latim*, *hom_s* > *homens*) e atualizam-se as terminações verbais (*chamarão* > *chamaram*). Usa-se a grafia *u*, *i* para o valor vocálico, também no caso de contextos semivocálicos, onde costuma aparecer a grafia *y* ou *j* (*rey*/ *rei*, *olhay*/ *olhai*, *pay*/ *pai*, *sey*/ *sei*, *reyno*/ *reino*), frente a *v*, *j* para o consonântico (*nouas*/ *novas*, *uosso*/ *vosso*, *cauallo*/ *cavalo*, *aduersa* > *adversa*). Sobre o consonantismo, respeita-se o do texto base, embora se efetuem algumas intervenções como as seguintes: 1- Reduzem-se os grupos cultos *ph* (>f), *th* (>t) e *ch* (>c): *Christãos* > *cristãos*, *chrónica* > *crónica*, *prophesia* > *profecia*. 2- Para a pré-palatal fricativa surda (/ʃ/), contamos com as seguintes grafias: *ch*- (*chame*, *chegar*, *cheirando*), *-s* (*tendes*, *pois*, *ves*), *-x*- (*deixar*, *debaxo*, *caixa*). 3- A pré-palatal fricativa sonora apresenta as seguintes grafias: *y*- (*yuntamente*, *yunto*), *-y*- (*dezeyo*, *seya*, *preyudiciais*), *j*- (*juízes*, *trajo*), *g*- (*longe*, *engeitados*, *gente*, *gineta*). 4- Como fricativa dorso-alveolar surda (/s/), aparecem as grafias seguintes: *s*- (*sentenceado*, *sobrinho*, *sentença*, *sospeita*), *-ss*- (*vossos*, *assim*, *necessário*, *passados*, *passear*, *nosso*), *-ç*- (*preço*, *tenção*, *toutiço*, *graças*), *c*- (*cercado*, *certas*). 5- Como fricativa dorso-alveolar sonora (/z/), temos as grafias: *z*- (*zombais*), *-z*- (*fazeis*), *-s*- (*cousa*). De qualquer maneira, mantém-se a alternância que aparece no texto base da repartição entre as sibilantes. 6- A palatal nasal sonora (/ɲ/) representa-se mediante a grafia *nh* (*senhor*, *nenhum*, *unhas*, *castanhas*). 7- A palatal lateral sonora (/ɲ/) aparece representada por meio da grafia *lh* (*orelha*, *batalha*, *velhice*). 8- Em certas ocasiões, substituímos a vibrante simples pela múltipla por não considerá-las como mostras de variação fonética. 9- As consoantes geminadas simplificam-se: *ll* > *l*, *mm* > *m*, *cc* > *c*, *pp* > *p* (*allegar* > *alegar*, *cauallo*/ *cavalo*, *cabello*/ *cabelo*, *immortaes* > *imortaes*, *peccador* > *pecador*, *supposto* > *suposto*). 10- O grupo *ch* com valor palatal na palavra *anichilá-los* atualiza-se com o grupo *qu*. 11- Epêntese de *e* na palavra *spirito* > *espírito*.

Sobre a união e separação de palavras, seguimos os usos do português atual. Usamos o apóstrofo naqueles casos de vogais elididas (*dantemão*/ *d'antemão*). Para diferenciarmos entre maiúsculas e minúsculas tivemos

em consideração os critérios atuais do português. Acentua-se seguindo as normas vigentes do português actual. Atualizou-se a pontuação, segundo as normas vigentes do português. Desenvolvemos todas as abreviaturas que aparecem no texto: *m^{to}*. (muito), *Sor^o* (Senhor), *q* (que), *p^a*. (para), *Pater nr* (Pater noster), *f^{os}* (filhos), *pr^o* (primeiro), *Ds* (Deus), *m^{to}* (muito), *rs* (reais), *mr^a* (maneira).

Outros signos: empregamos os parênteses quadrados ([]) para assinalar as emendas que fizemos no texto. Utilizamos a letra cursiva para as citações em outras línguas, tal qual figuram no texto e para os títulos de livros.

Com a intenção de conservar quanto for possível os valores fonéticos do original, tomamos a decisão de manter os polimorfismos, bem assim como a alternância entre vogais *e/i*, *o/u*.

Conservaram-se, igualmente, as variantes produzidas pelos fenómenos de: assimilação (*negóceo*, *detivi-me*, *sostentaís*, *pozerdes*, *podesse*, *sustentar-des*, *despostos*, *perafuzando*, *comonicação*, *escuras*, *príncipeps*); e alternância na grafia da desinência da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples (*destruio*, *prendeio*).

O texto português foi completado com várias notas explicativas, a maioria delas sobre as personagens históricas citadas no mesmo, para que o leitor possa situar-se de uma maneira imediata no contexto da obra de Moraes.

Por último, com o fim de facilitar uma maior compreensão do texto, incluímos um pequeno dicionário de termos menos conhecidos.

Diálogo Terceiro

Interlocutores: huma Regateira e hum Moço da Estribeira

Regateira: Mano, meu anjo, boa seja a vossa vinda. Que foi de vós? Onde andastes, que tais cabelinhos criastes?

Moço: Minha senhora, bejo vossas mãos mil veses. Folgo tanto de vós⁷ como a sombra no verão. Fui por correo a Frandes. Detivi-me lá mil anos. Quisera-vos escrever, mas nunca tive por quem.

Regateira: Quantas cartas vos mandei e que saudades iam nelas! Creio que vo-las não deram.

Moço: Nunca vi nenhuma, desejando-as como a vida.

Regateira: Pois digo-vos que eram as melhores do mundo. Fui ao Pelourinho velho e fes-mas Burgos o Pequino⁸, que, crede, leva as lampas a

⁷ Em L2 aparece riscado: quantos folgua Ds com esta a boa, e por acima: *como a sombra no verão*.

⁸ Em Lisboa, havia, nos meados do século XVI, até 280 escreventes, alguns dos quais se sentavam em torno do antigo Pelourinho e escreviam, prévio pagamento, as mensagens que lhes pedissem.

todos. Pela primeira lhe dei cinco reáis; depois me fes outra por des, que levava já mil mágoas; quando veio a de vintém, ouvéreis já dó de mim, escrita de huma banda e da outra com tinta mais negra que hum azeviche, que era para mover as pedras.

Moço: Bem hé que seja ^{300v} isso assi pera me pagar a má vida que me destes no tempo que vos amava. Quando me lembra, fas-me tamanha saudade que não sei como são vivo. Ia-me muitas veses à ribeira ou na praça de Almeirim – parece-me que o vejo agora –, via-vos entre as outras; parecíeis senhora delas, vestida de flardinha azul com refegos muito altos, mantilha tirada da amostra do pano, cingidouro de cataçol com maçanetas nos cabos, colarzinho de búfaro tomado por diante com fita de seda encarnada, camisa de gorgueira lavrada de preto, vossas botinas muito justas, com vossos alquorques, que parece que não púnheis pé no chão. Eu com isto finava-me; chovia, se Deus dava ágoa, e eu estava em corpo com calças de guardalate branco e barguilha debruada de veludo preto, çapatinhos abrochados, a lama perto do artelho, e por me não conhecerem embuçava-me com a manga do pelote. Se levantaíeis os olhos, piscava-vo-lo⁹ esquerdo – que no dereito nunca tive geito –, olháveis pera outra parte com hum repouso que me desbaratava de todo.

Regateira: Isso era por dissimular, que o bem que vos eu queria não era dessa maneira. Meu mano, eu na ribeira era servida de muitos, nunca nenhum assi me atarracou como vós. Via-vos tão airoso, tanto da minha arte, que me matáveis. Trasíeis vossos barretinhos pretos lançados a huma banda com golpe dado ao viês e tomado com fita azul e¹⁰ pontinhas de latão mourisco esmaltadas de branco que matava a braza, camisa de colarinhos altos lavrada de pardo, e com mais coelhinhos do que há na coutada de Almeirim, e sobretudo, tão atacado que não púnheis pé¹¹ no chão, proíam-me os pés e mãos por saltarem-vos, depois forsava o desejo por me não averdes por desonesta¹².

Moço: Não sei como isso era ou como vos eu parecia, mas sei que nada me aproveitava. Bebia os ventos por vós, víeis-me morrer, dissimuláveis meu mal como quem lhe não doía. Ó, quantas e quantas veses, acabado o sino, vos fui espreitar à porta! – isto era em Almeirim-. Tínheis a casa de rama, se vos lembra, e por guarda à porta huma esteira de tábua; fis mil buraquinhos nela e ainda o não confessei: por ali vos olhava, via-vos andar por casa, concertando as cousas dela, em mangas de camisa e os braços arregaçados, pretos e cabeludos – cousa que me não parece mal porque a

⁹ piscava-vo-lo L2: picavavolo.

¹⁰ e *Evo*: om.

¹¹ pé *Evo*: o pé.

¹² saltarem-vos, depois forsava o desejo por me não averdes por desonesta *Evo*: saltar de alegria.

carne da molher, crede que há-de ser avelutada –¹³, soma de manilhas de prata ne[...] davam humas nas outras e faziam hum som quá fora que mao ano para quantas nésparas vêm de Flandres¹⁴. Trazíeis huma mantilha amarela arredor de vós sem outra cousa, as mamás soltas e dependuradas, tão fermosas e grandes que era para aleijar mil homens¹⁵ ^{301r}, púnheis-vos a lavar as pernas com água de cana e cantáveis *La flor de la mi cara*¹⁶. Se com aquilo laváreis os cabelos¹⁷, faríei-los¹⁸ muito bons¹⁹, que isto só tínheis mao. Hei-vos de falar verdade. Hora vede: quem isto via, que tal teria o coração? Fazia frio, se o Deos dava no mundo, e eu estar, chovia, e eu estar, dava meanoite, e eu estar assi, que sempre estava té que vos híeis deitar, e às veses <que>²⁰ ouvia alguém lá dentro, e isto me fazia triste.

Regateira: Pois, mano, quem quer bem, de huma sombra se lhe fas hum homem, de mui pequeninas cousas cria sospeitas mui grandes, que Deos sabe quanto sempre trabalhei pela fama, e não por minguá de servidores, que sempre fui requerida de quantos compradores ouve na corte para casarem comigo²¹. Parece que estava guardada para vós, que té então ninguém teve tal dita.

Moço: Enganado estou eu, logo que me parecia que vos não ouvera com toda vossa honra²².

Regateira: Hum erro passara já por mim: ouve-me hum homem, mas este primeiro me prometeu²³ três veses de casar comigo ²⁴, e inda assi estive pera o não ver e assi me recebeo a quarta²⁵.

Moço: Como, senhora, e casada sois vós?

Regateira: Não me entendeis. Digo-vos que mo prometeu²⁶ quatro ve-

¹³ em mangas de camisa e os braços arregaçados, pretos e cabeludos – coisa que me não parece mal porque a carne da molher, crede que há-de ser avelutada- *Evo*: e nos braços

¹⁴ quantas nésparas vêm de Flandres *Evo*: quantos instrumentos músicos há

¹⁵ arredor de vós sem outra cousa, as mamás soltas e dependuradas, tão fermosas e grandes que era para aleijar mil homens *Evo*: q vos daua muita graça

¹⁶ Alude a um conhecido vilancete, que aparece documentado em Margit Frenk: *Fuentes Cancionero Sevillano*, fl. 138v, n° 200. 589A. *¿Con qué la lavaré/ la flor de mi cara?/ ¿Con qué la lavaré,/ que vivo mal penada?/ Lávansen las casadas/ con agua de limones:/ lávome yo, cuitada,/ con penas y dolores./ ¿Con qué la lavaré,/ que vivo mal penada?/ Entra mayo y sale abril,/ tan garridico le vi venir./ Entra mayo con sus flores,/ sale abril con sus amores,/ y los dulces amadores/ comienzan a bien servir.*

¹⁷ as pernas com água de cana e cantáveis *La flor de la mi cara*. Se com aquilo laváreis os cabelos *Evo*: o rosto

¹⁸ faríei-los *Evo*: fazíelo

¹⁹ bons *Evo*: bom

²⁰ que *Evo*: om.

²¹ para casarem comigo *L2*: om.

²² que vos não ouvera com toda vossa honra *Evo*: outra cousa

²³ prometeu *L2*: recebeo

²⁴ de casar comigo *L2*: om.

²⁵ e assi me recebeo a quarta *Evo*: om.

²⁶ mo prometeu *L2*: me recebeo

ses, mas eu nunca fui casada, que depois me engeitou oito²⁷, e porque isto foi em dobro²⁸ ficou o casamento em vão.

Moço: Agora me descansastes, que estava já meo morto!

Regateira: Mano, não me tenhais vós por tal. A vós só amo, a vós só quero, a vós só tenho na vontade, e ainda está por nascer a quem eu desse lenço de Bretanha de setenta reais a vara, lavrado pelos cantos com molhos de setas de verde e encarnado, como dei a vós, e²⁹ no meio o meu coração atravessado com muitas [setas?], que así trazia eu o meu, e toalha de Olanda para alimpardes o rosto, que como determinava receber-vos por marido, me esmerava em tudo, tendo minha cantareira alva como a neve, e toalhas vermelhas como sangue postas nela; púcaro de Estremoz pedrado por dentro com serpinha no meo, feita do mesmo barro, e porque era antigo, dei-lhe uma cerada, parecia quase novo, e tudo coberto com seus mandiz de Guiné listrados de muitas cores por amor do pó, prateleiro espanado com seus bacios vidrados, e malega de Flandres pendurada por cordel; da outra parte, redoma azul cheia de água de frol para vos borrfifar; à cabeceira da cama, papel de Santo Antônio e ramo de palma bento entre ele e a parede por vos não dar olhado³⁰.

Moço: Minha senhora, isso tirastes vós de huma carta que vos eu mandei, que levava outro coração³¹ ao pé dessa mesma maneira e começava a trova *Lá vai este malferido*³².

Regateira: Há, má cousa que essa carta me destruiu e me roubou minha liberdade! Vinha com tanta mágoa, trazia tantas saudades que me fes perder de todo. Mostrei-a a quantas regateiras avia na ribeira. Todas a gaba-ram e guardarão o treslado para se aproveitarem dela alguma hora. Pois crede que quem isto melhor entender que elas, que lhe há-de suar o tope-te, então me acabei de resolver em casar convosco³³.^{301v} Fui-me pera casa, caei-a, comecei a concertá-la, assentar cada cousa em seu lugar porque me chamásseis de recado, fis³⁴ a cama, lancei cobertor de papa novo da peça

²⁷ oito *Evo: om.*

²⁸ porque isto foi em dobro *Evo: om.*

²⁹ e *Evo: om.*

³⁰ e toalha de Olanda para alimpardes o rosto, que como determinava receber-vos por marido, me esmerava em tudo, tendo minha cantareira alva como a neve, e toalhas vermelhas como sangue postas nela: púcaro de Estremoz pedrado por dentro com serpinha no meo, feita do mesmo barro, e porque era antigo, dei-lhe uma cerada, parecia quase novo, e tudo coberto com seus mandiz de Guiné listrados de muitas cores por amor do pó, prateleiro espanado com seus bacios vidrados, e malega de Flandres pendurada por cordel, da outra parte, redoma azul cheia de água de frol para vos borrfifar. À cabeceira da cama, papel de Santo Antônio e ramo de palma bento entre ele; e a parede por vos não dar olhado *L2: om.*

³¹ coração *L2: om.*

³² malferido *Evo: mal fetidio.*

³³ resolver em casar convosco *L2: entregar*

³⁴ fis *Evo: fuy.*

de tresentos e sessenta réis – assi me valha a verdade –, com travesseiro lavrado de vermelho, almofadinha de frouxel – porque vi que éreis mimoso –, enxergão de palha debaxo pera ficar mais mole, e pera dormirdes a sesta, tanho de Santarém com almofadinha de guadameci, porque hé fria. Então minha escovinha dependurada em seu prego, rabo de bói com pen-tém metido nele, espelho da outra parte para vos verdes³⁵, e³⁶ então água de louro para os pés, cortiça para debaxo pelos não pordes no chão, deco-ada para a cabeça, e rapei as unhas por vos não fazer mal quando vo-la[s] lavasse, carapussa de emprensar, lavrada de pontinhos perfumada com alecrim, açucareiro vidrado com alfazema, caixa de me[r]malada de mo-dronhos para pelas menhãs, e tudo a ponto porque³⁷ a nada podésseis pôr tacha.

Moço: Pois eu, quando me vi convosco, tremia como verga, não sabia que fizesse, punha os olhos em vós, tornava-os logo a tirar, não ousava de vos ver, queria travar da roupa, avia medo <de> de anojar-vos, tornou-me a arrepender. Boa vontade tinha eu, mas crede que não ousava ^{302r} e que [espeinha?] boa dita que, estando nestes medos, lançastes mão de mim. Então me despegei.

Regateira: Eu ardia. Não pude dissimular tanto e viros estar medroso, ouve dó de vós, não me pareceu bem que penásseis mais³⁸. Ora, minha vida³⁹, hé tempo de recolher. Estareis⁴⁰ cansado. Lá praticaremos no pas-sado⁴¹. Vamo-nos para a pousada passar o tempo em palavras⁴², pois há⁴³ tanto que vos não vi.

³⁵ para vos verdes *L2*: com toalha de redor para alimpardes o rosto, minha cantareira alva como a neve e toalhas vermelhas como sangue postas nela, púcaro de Estremos pedrado por dentro com serpinha no meo, feita do mesmo barro, e porque era antigo dei-lhe h_a ce<n>rada; parecia quasi novo e tudo cuberto por cima com seus mandis de Guiné listrados de muitas cores por amor do pé, prateleiro espanado com seus bacios vidrados e malega de Flandres pendurados por cordel; da outra parte, redoma azul chea de água de flor para vos borrfifar. À cabeceira da cama papel de S. António e ramo de palma bento entre ele e a parede por vos não dar olhado

³⁶ E *L2*: *om.*

³⁷ porque *Evo*: para q

³⁸ Moço: Pois eu, quando me vi convosco, tremia como verga, não sabia que fizesse, punha os olhos em vós, tornava-os logo a tirar, não ousava de vos ver, queria travar da roupa, avia medo <de> de anojar-vos, tornou-me a arrepender. Boa vontade tinha eu, mas crede que não ousava e que [espeinha?] boa dita que, estando nestes medos, lançastes mão de mim. Então me despegei. Regateira: Eu ardia, não pude dissimular tanto e viros estar medroso, ouve dó de vós, não me pa-resceu bem que penásseis mais *Evo*: *om.*

³⁹ vida *Evo*: senhora.

⁴⁰ Estareis *Evo*: estou.

⁴¹ no passado *Evo*: na pousada.

⁴² Vamo-nos para a pousada passar o tempo em palavras *Evo*: *om.*

⁴³ pois há *L2*: avendo.

Léxico

Alcorque: espécie de sandália com sola de cortiça.

Alecrim: arbusto aromático; alecrim-de-cheiro; rosmaninho.

Aleijar: causar ou ser vítima de aleijão, deformidade, mutilação.

Alfazema: planta ornamental especialmente para extração de óleo essencial, usado em perfumaria, medicina y barnices para pintura em porcelana; lavanda.

Arreçoado: virado, dobrado, enrolado para cima.

Artelho: articulação; junta de ossos; nó, junta que liga a perna ao pé; tornozelo.

Atarracar: aprontar (a ferradura), batendo com o malho, para ajustá-la ao casco do animal; colocar (alguém) numa situação penosa ou embaraçosa, com perguntas, argüições, críticas, etc.

Bacio: recipiente em que se recolhem excrementos humanos; prato grande em forma de bandeja.

Barguilha (braguilha): abertura frontal da braga; abertura da parte dianteira de quaisquer calças, calções, cuecas, etc.

Barrete: cobertura mole de pano ou de malha, que se ajusta facilmente à cabeça; carapuça.

Búfaro: o couro curtido de búfalo; o chifre desse animal, utilizado em diversos trabalhos artesanais.

Cantareira: vão de parede sem porta em que era costume resguardar as obrigatórias vasilhas de água.

Carapuça: barrete ou gorro de forma cônica ou semiesférica; carapuço.

Catassol (cataçol): tinta usada em pintura para iluminação.

Cingidouro: faixa ou cinto que cinge o meio do corpo.

Coutada: terra onde se criava caça para a família real e/ou pessoas da fidalguia e na qual era vedada a caça aos demais; local destinado à pastagem de equinos e bovinos.

Debruado: enfeitado; a que se pregou fita dobrada; cujo contorno se ornou com filete ou similar.

Decoado: água fervida com cinzas, usada na lavagem de tecidos; lixívia.

Espanar: tirar o pó de; espanejar.

Frouxel: a penugem ou o conjunto das penas mais leves e macias das aves; cobertor, cobertor de cama, almofada, etc. que contém estas penas ou qualquer outro material macio.

Lampa: tocha; fogo para iluminação; qualquer aparelho que serve para iluminar.

Maçaneta: remate feito de materiais diversos (metal, madeira, vidro, acrílico, etc.), de formato especialmente esférico, mas também cônico ou piramidal, em barras verticais de sacadas, grades, cabeceiras de cama, cadeiras, etc. ou em objetos ornamentais.

Manilha: argola usada como adorno para os pulsos e, entre alguns povos, para os tornozelos; argola com que se prendem os pulsos dos criminosos.

Medronho (modronho): fruto do medronheiro, semelhante ao morango na cor e na forma, e de que se faz uma aguardente, especialidade do Algarve.

Néspara: fruto da nespereira; ameixa-amarela, nêspero.

Papa: lã felpuda, muito pesada e quente, usada geralmente para fazer cobertores.

Pentém: pente; utensílio para pentear cabelos.

Refego: prega ou dobra em veste, funcional ou ornamental.

Topete: tufo de cabelos no alto da testa.

Bibliografia

1. Testemunhos do *Diálogo em estilo jocoso de amores de uma regateira com um moço de estribeira*

1.1. Manuscritos

- Biblioteca Nacional de Lisboa: Colecção Pombalina, cód. 147, fls. 300-302.
- Vila Viçosa, PDVV BDM II, LXII, fls. 18-22.

1.2. Impressos

- “Diálogo terceiro”, em *Diálogos de Francisco de Moraes*, Évora, Manuel Carvalho, 1624, fls. 27v-33 (Exemplares: Lisboa. Nacional, Res. 354V (2) [<http://purl.pt/14873>]. Londres. British Library, 12331.a.21).
- Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira [Tomo II: António Gomes], 1786, pp. 35-41.

1.3. Edições modernas

- “Diálogo Terceiro”, em *Obras de Francisco de Moraes*, Lisboa, Escritório da Bibliotheca Portugueza, Typographia d’Andrade e Companhia, 1852, vol. III, pp. 30-35.
- “Diálogo Terceiro”, em Geraldo de Ulhoa Cintra (ed.), *Crónica do Palmeirim de Inglaterra*, São Paulo, Editora Anchieta, Biblioteca de Clássicos para todos, 1946, vol. 3, pp. 387-391.

2. Estudos específicos

• Bibliografia Primária

Barreto, João Franco, *Bibliotheca Lusitana*, copia del Ms. de la Casa de Cadaval, 6 vols. Lisboa, Biblioteca Nacional, B 1206-1211, tomo III, pp. 475r-476v.

Brito, João Soares de, *Theatrum Lusitaniae Litterarum, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, Authore Joanne Suares de Britto. Lusitano Mathosiniensi. Sacrae Theologiae. Conimbricae atque Eborae Doctorae. Conimbricae. Typis Academicis anno Christiano 1655 a restauratione Lusit., P. 471, lit. F, n° 57.

• Bibliografia Secundária

Almeida, Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e, “Morais, Francisco de”, em Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Editorial Caminho, 2011, pp. 607-613.

Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Inventário dos Manuscritos (Secção XIII). Collecção Pombalina*, Lisboa, 1891.

Dialogyca BDDH. Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico [online: <http://www.ucm.es/info/dialogycabddh/>], [data de consulta: 21 de junho de 2012].

Dias, Isabel de Barros, “O *Diálogo Terceiro* de Francisco de Moraes: paródia de costumes e censura”, em *Da Letra ao Imaginário. Em homenagem à Professora Irene Freire Nunes. Actas do Colóquio Internacional*, Lisboa, CEIL. No prelo.

Friedlein, Roger, “Dialogue der Renaissance in Portugal (1525-1595). Mit einem Ausblick in das 17. Jahrhundert” [Textkorpus], em *El diálogo renacentista en la Península Ibérica/ Der Renaissancedialog auf der Iberischen Halbinsel*, ed. Roger Friedlein, Stuttgart, Steiner Verlag, 2005, pp. 97-140; 141-146.

Instituto António Houaiss, *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* 2.0, Editora Objetiva Ltda., 2007.

Inventário dos códices alcobacenses. Tomo VI (Índices), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1978.

Machado, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica, etc., Lisboa Occidental*, 4 vols. Coimbra, Atlântida Editora, 1965.

Nascimento, Maria Teresa, “Modelos clássicos no Diálogo Quinhentista Português”, em *Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada* (online: www.evora.net/abalca/comparada: 2004).

- *O diálogo na literatura portuguesa. Renascimento e Manierismo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra- Gráfica de Coimbra Lda., 2011.

Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional. I Códices Portugueses, Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Nacional, 1930.

Silva, Inocêncio Francisco da (1858-94): *Dicionário Bibliografico Portuguez*, Continuado por Brito Aranha, Lisboa, Imprensa Nacional, 17 vols. Tomo III, 1859, pp. 14-17; *Suplemento*, Tomo IX, 1870.

- Tarouca, Carlos da Silva, *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca dos duques de Cadaval*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1950.
- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio (ed.), *Palmerín de Inglaterra (Libro I)*, de Francisco de Moraes, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006.
- , “Diálogo em estilo jocoso entre uma regateira e um moço da estribeira”, em *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid, BDDH19 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/> [30-06-2010].
 - , “Diálogos de Francisco de Moraes”, em *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid, BDDH36 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/> [30-06-2010].
 - “Uma primeira aproximação do *corpus* dos Diálogos Portugueses dos séculos XVI-XVII”, em *Críticón*. No prelo.

Aurelio Vargas Díaz-Toledo
University College Dublin
aurelio.vargas@ucd.ie

